

‘Projecto Querença’: redes e parcerias como base para o desenvolvimento local e um turismo rural na Aldeia de Querença - Portugal?¹

Yolanda Flores e Silva ²

João Albino Silva ³

Resumo: O Algarve litoral não é o mesmo Algarve do interior, que neste século passa por um período de declínio e abandono. Sobre estas questões é o que trata este texto sobre pesquisa que teve por objetivo descrever os caminhos e as ações do ‘Projecto Querença’ em Algarve sul de Portugal. O percurso metodológico adotado teve abordagem qualitativa, com pesquisa preliminar em bibliografias e documentos, seleção de uma aldeia do Algarve, visitas ao local, entrevistas e observação do entorno. Com relação às entrevistas seguiram-se critérios antropológicos com escolhas direcionadas a pessoas que aceitaram participar da pesquisa e diretamente ligadas ao objeto da investigação. A análise dos dados foi realizada segundo Geertz: descrição e interpretação das respostas e a repercussão no contexto pesquisado. Os resultados apontam que o Projeto Querença mostra às pessoas a possibilidade de recuperar e requalificar uma aldeia com a ida de jovens licenciados para produzir ideias e oferecer soluções aos problemas locais, fomentar parcerias através de redes que possam auxiliar no processo de abertura para um desenvolvimento local e humano. No momento (ano de 2014) ainda não é possível demonstrar via indicadores de desenvolvimento e qualidade de vida se Querença vai continuar este processo num patamar que permita continuar apostando na aldeia enquanto espaço de moradia, permanência, aprendizado, lazer e tranquilidade para moradores e visitantes. Considerando os arranjos produtivos possíveis graças ao projeto Querença, o turismo, se pensado segundo critérios do turismo rural de base comunitária, será o arranjo produtivo ideal para promover e criar produtos e serviços relacionados à hospitalidade, a gastronomia, aos patrimônios culturais e naturais locais.

Palavras – chaves: Redes Comunitárias. Desenvolvimento Local. Qualidade de Vida. Turismo Rural.

Introdução

O mundo rural passa por amplas mudanças e nunca a problemática do desenvolvimento local nos territórios rurais mereceu tanto destaque em diversos setores da sociedade. Esta discussão se torna ainda maior quando associamos a mesma a questão da desertificação populacional. Tratar de ‘desertificação’ populacional considerando o contexto brasileiro, português ou de qualquer outro povo ou nação, é tratar de questões delicadas relacionadas às migrações humanas que podem ter várias causas. Estas causas, por exemplo, podem se relacionar com a alteração da composição do agregado familiar, situações limites relacionadas a conflitos ou

¹ Este artigo apresenta dados parciais de pesquisa realizada em 2013 no Estágio Sênior Pós - Doutoral (Financiamento CAPES / Processo 3505/13-8) realizado pela autora na Faculdade de Economia, Programa de Turismo da Universidade do Algarve sob a supervisão do Prof. Dr. João Albino Matos da Silva.

² Doutora em Filosofia da Saúde (1999 / UFSC) com pós-doutoramento em Turismo / Economia e Desenvolvimento Local (2013 / UALG). Mestre em Antropologia Social (1991 / UFSC). Docente e Pesquisadora do Programa de Pós – Graduação em Turismo e Hotelaria (Doutorado e Mestrado) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Email: yolanda@univali.br

³ Doutor (1991) e Mestre em Economia (1986) pela Universidade Técnica de Lisboa. Catedrático e Diretor do Doutorado em Turismo da Universidade do Algarve (UALG). Email: jsilva@ualg.pt

problemas de ordem natural e os problemas econômicos que vêm ao longo do tempo histórico humano fazendo com que as pessoas se desloquem para longe de onde nasceram. Estes deslocamentos na busca por lugares economicamente mais estáveis e com potencial para ofertar oportunidades às pessoas, tem sido a motivação principal, embora saibamos que nem sempre o migrar significa alcançar progresso econômico no lugar escolhido para viver (Clark, 2008).

O deslocamento migratório nunca é apenas físico, visto que todas as mudanças decorrentes: de amigos, família, local de residência, local de trabalho e locais de consumo, implica uma mudança radical na vida da pessoa. O autor também enfatiza que não confundamos mobilidade residencial com migração. A migração certamente não significa apenas mudar de casa. Uma migração consiste de um deslocamento em que tudo muda, seja uma migração internacional ou inter-regional. Ou seja, o migrante e sua família passam a ter uma nova vida social com novos laços sociais, novas redes de solidariedade, novo capital social, educacional e econômico. Pensando em termos de Portugal, o país tem vivido as migrações de uma forma muito mais intensa do que a admitida, considerado em certos momentos do século XX, como o país mais migratório do mundo. No século XX, entre o início e o final dos anos 70, Portugal foi um dos países do mundo que registrou a maior movimentação migratória internacional. A 'sangria' emigratória dos portugueses ocorreu na própria Europa (França, Alemanha e Luxemburgo, entre outros países). No mesmo período, cerca de meio milhão de pessoas oriundas das ex-colônias portuguesas vieram para Portugal, isto é, 5% do total da população portuguesa, contudo, este contingente de pessoas concentrou-se nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e poucas foram as que seguiram para as regiões rurais: freguesias e aldeias (Peixoto, 2006).

Este contexto de perda contínua de pessoas, por migração, morte e baixa natalidade, fazem com que o interior de Portugal sofra com a estagnação econômica decorrentes da paralização da agricultura, da pecuária e conseqüentemente há pouco ou nenhum desenvolvimento local. Este fenômeno acarreta em médio prazo, a queda da população ativa com encargos de distintas naturezas para esta população que tem que amparar muitas vezes física e economicamente seus idosos, sem recursos suficientes para tal (Graça, 2010). Considerando esta realidade é que alguns projetos vêm sendo criados com o intuito de fomentar o desenvolvimento destes territórios através da revitalização e requalificação das aldeias via patrimônios culturais e naturais e dinâmicas que tragam pessoas para se fixarem de forma permanente ou como visitante (turistas), com o propósito de alavancar a economia local através do aumento da empregabilidade.

Para Alves (2002) esta problemática de desenvolvimento no meio rural tem no turismo um parceiro inquestionável. Para o autor a forma mais fácil de conseguir formar uma rede de promoção e discussão sobre os problemas do interior rural é via turismo associando ao território uma vocação turística seja de caráter cultural, natural ecológico e /ou gastronômico. Contudo, deixando claro que o turismo não é uma 'panaceia' e uma solução para todos os problemas e dificuldades do meio rural. Ou seja, não será apenas via turismo que se encontrarão as soluções

para o interior, até porque as soluções passam pela possibilidade de um trabalho coletivo que envolva pessoas e organizações em uma rede comunitária que construa laços que fortaleçam o território, quem ali vive e quem por lá passar.

A proposta denominada de 'Projecto Querença' é uma proposta de investigação ação iniciada em 2010, mas, iniciada de fato em 2011 por pesquisadores da Faculdade de Economia, do curso de doutoramento em Turismo da Universidade do Algarve. Ao lado dos pesquisadores uniram-se técnicos ligados ao Conselho de Loulé que já possuíam ações voltadas para a problemática na aldeia de Querença e outras aldeias e vilas daquele território. Sobre as questões anteriormente colocadas e com o objetivo de descrever e discutir esta proposta de revitalização e requalificação em uma aldeia do Algarve é do que trata este artigo.

Pressupostos Teóricos: redes, capital social e desenvolvimento

A formação de redes em entornos rurais traz o imperativo de compreender que as associações e parcerias e seus efeitos na população local são de natureza territorial e sociocultural. Estas redes são suportes que somente se formam quando há um capital social disponível, e, embora, o capital econômico seja importante, este por si só não é suficiente para trazer desenvolvimento local e humano. As 'alianças' e / ou parcerias internas e externas a determinado grupo, com pessoas ou organizações que possam favorecer o alcance de objetivos coletivos e individuais, segundo Tallmar e Chacar (2011) realmente funcionam se estes arranjos são adaptados à realidade da comunidade através da formação de redes que as sustentem não apenas economicamente, mas que, produza benefícios de outra natureza.

Na perspectiva de se analisar qual o capital social de uma comunidade rural que busca uma alternativa aos seus problemas econômicos, faz-se necessário estabelecer qual o conceito de capital social a ser utilizado como referência teórica. Este é um conceito bastante contestado e que pode ser analisado sobre diversos ângulos. No caso da discussão ora realizada, o capital social pensado se refere ao de Bourdieu (1986) um clássico da sociologia que mostra que o conceito do autor retrata as características de organização social de uma comunidade e como tal suas redes, considerando normas, formas de associação e cooperação mútua (Putnam, 1995, 2000).

Estas questões são importantes porque conforme sua formatação pode ou não diminuir os conflitos no território em que se esteja a organizar parcerias com suportes que possam auxiliar na organização de arranjos produtivos no meio rural como, por exemplo, o turismo rural comunitário. Bourdieu e Putnam mostram as redes e os percursos possíveis: fechados, unidirecionais, simétricos, horizontais, com vínculos fortes ou frágeis e/ou laços que se interligam a outras redes internas e externas na busca de benefícios. Quanto mais capacidade tem uma comunidade de expandir sua rede de relações e parcerias mais aumenta a sua capacidade de aumentar as oportunidades individuais e coletivas (Espinoza & Veja, 2011).

Seguindo esta linha de pensamento, percebe-se que os campos possíveis para que o capital social possa proporcionar a formação de redes estão relacionados à família, aos jovens, a escola e a educação, a vida em comunidade, o trabalho coletivo de algumas organizações não governamentais, a democracia e a governança de problemas que requerem ações coletivas para o desenvolvimento econômico (Gallo Rivera & Garrido Yserte, 2009). Contudo, é na família que ocorre a primeira instância capaz de criar redes e laços de socialização e confiança, e pode ser via família que as comunidades tradicionais iniciam ações capazes de proporcionar bem estar e qualidade de vida a várias pessoas.

Flores e Rello (2003) afirmam que um capital social para 'existir' e se tornar potencialmente capaz de criar redes de suporte deve possuir alguns componentes: uma cultura forte capaz de criar identidade e pertencimento a um grupo de famílias / pessoas com interações sociais que sustentem organizações criadas por elas para benefícios coletivos que não se desintegre diante das consequências e resultadas em todas as suas possibilidades, de ganhos e perdas.

No caso de Portugal, segundo Covas & Covas (2008), as ações e arranjos produtivos realizados no meio rural podem ter vários formatos e percursos. Para estes autores os arranjos produtivos locais na perspectiva do desenvolvimento local (e/ou endógeno) considera um sistema de diversificação multifuncional sustentável (DMS) com três dimensões de desenvolvimento (econômico, ambiental e social) combinando inovação social em meio rural com as tecnologias agroecológicas. Estes elementos e as suas ligações (linkages) constituem o que os autores denominam de multifuncionalidade do sistema DMS com várias formas empíricas de multifuncionalidade e diferentes modos de diversificação capazes de gerar uma tipologia multifuncional. Nesta tipologia multifuncional sistêmica e ou programada existem ganhos de distintas naturezas, mas, também riscos, visto que o mercado ainda está absorvendo alguns conceitos relacionados a este formato de arranjo no meio rural.

Estes são arranjos que ocorrem no universo de uma agricultura de subsistência e/ou familiar (no Brasil e em Portugal) e ainda segundo Covas e Covas (2008) possuem dimensões de análise relacionadas às histórias familiares, opções de vida, organização das famílias para gerenciar propriedades, arranjos e suportes sociais permitidos em cada cultura conforme a região, modo de produção e a cadeia e valor dos produtos ofertados. Também dependem da associação da agricultura com diversos segmentos econômicos, das políticas públicas locais e finalmente, das estratégias familiares adotadas (e/ou aceitas) para associar seus arranjos agrícolas com outros arranjos (como o turismo rural, por exemplo) que ainda não são dominados em termos de conhecimento por estes atores sociais.

Qualquer que seja o formato da rede estabelecida é importante que se percebam as ligações (linkage) e seus efeitos individuais e coletivos para a formação destes arranjos e do tipo de desenvolvimento produzido. A ampla diversificação e integração sustentável nos elementos e parâmetros de existência dos empreendimentos, do ambiente (natural e edificado) e das pessoas

irão levar a um desenvolvimento local não apenas sustentável do ponto de vista econômico, como incorporar o que pesquisadores como Max – Neef (2006) tratam com um novo olhar, que é o desenvolvimento humano. Ou seja, um desenvolvimento que pense no ser humano, suas potencialidades, de modo que este possa não apenas ter arranjos produtivos que o sustentem, mas que inclua em sua vida padrões melhores de alimentação, de ocupação laboral, de relacionamentos intrafamiliares e comunitários, entre outros elementos.

Percurso Metodológico

A metodologia desenvolvida para este projeto foi qualitativa e envolveu a utilização de diferentes ferramentas de coleta de dados com abordagem antropológica. O objeto norteador que justificou os estudos foi o Projeto Querença com arranjos produtivos que associam produção agrícola, produção artesanal, resgates gastronômicos e turismo rural (com características do turismo de natureza e turismo ecológico). Nessa perspectiva o objetivo geral norteador da investigação realizada foi o de descrever esta proposta da região do Algarve no sul de Portugal.

No Algarve o local alvo da investigação foi o “Concelho de Loulé” região rica nas áreas litorâneas, mas, com pobreza e desertificação populacional na região do “interior”, ou seja, nas freguesias e aldeias do Barrocal Algárvio. O *locus* da coleta de dados foi a aldeia de Querença, hoje com cerca de 700 pessoas vivendo na região, embora no entorno central da aldeia não vivam mais que 200 pessoas (Fernandes, 2013; Covas & Covas, 2013, Tomé, 2011).

A primeira etapa da pesquisa realizada em setembro de 2013 consistiu de: seleção da documentação e bibliografia necessárias sobre os temas tratados em bancos de dados eletrônicos e arquivos públicos do Algarve. Esta busca foi realizada via bibliotecas virtuais, bancos de dados do SCIELO, PORBASE, CAPES, OAISES, IBICT, e biblioteca do Algarve entre outras possibilidades.

A segunda etapa do trabalho de campo ocorreu durante os meses de outubro, novembro e primeira semana de dezembro de 2013. Os instrumentos [roteiro de entrevista + diário de observações] foram elaborados nesta etapa. Os informantes foram selecionados entre os sujeitos que estavam à frente das redes / organizações comunitárias, que desenvolvem ações coletivas associando práticas de cultivo, artesanais e gastronômicas as atividades de turismo rural. Ao todo se entrevistou formalmente cerca de 40 pessoas e se conversou de forma informal com mais outras 80 pessoas, todas envolvidas direta ou indiretamente com redes comunitárias atuantes principalmente em Loulé e Querença. Das 40 pessoas entrevistadas 26 eram homens e as demais mulheres, todos acima de 30 anos, autônomos, atuantes nas organizações: In Locco, Prove, Slow Food Algarve, Concelho de Loulé, Projecto Querença, Proactivur ou sem envolvimento legal com qualquer destas organizações, embora participando das ações relacionadas à agricultura, a comercialização de alimentos, de artesanatos, dentre outras atividades. As entrevistas ocorreram durante eventos de distintas naturezas: congressos, seminários locais, feiras /mercadinhos,

caminhadas na natureza, cursos e workshops ou visitas diretas as pessoas com agendamento prévio durante os meses de outubro, novembro e a primeira semana de dezembro.

Na terceira etapa de análises dos dados de campo se fez uso do referencial de Geertz (1989) e Minayo (2007) associando dados oficiais documentados aos dados discursivos. Estes são apresentados de forma descritiva com reflexões da pesquisadora com uso de referenciais teóricos relacionados à informação discutida.

Resultados

Neste tópico apresentam-se os universos em que efetivamente conseguiu-se observar um trabalho coletivo com a participação de muitas parcerias num formato de redes com utilização do “capital social” local como principais protagonistas fazendo a diferença na organização de arranjos produtivos de distintas naturezas, voltados para o mesmo propósito: tornar uma comunidade viável para moradia e sobrevivência econômica.

A - O Algarve, Loulé e Querença: universo do estudo

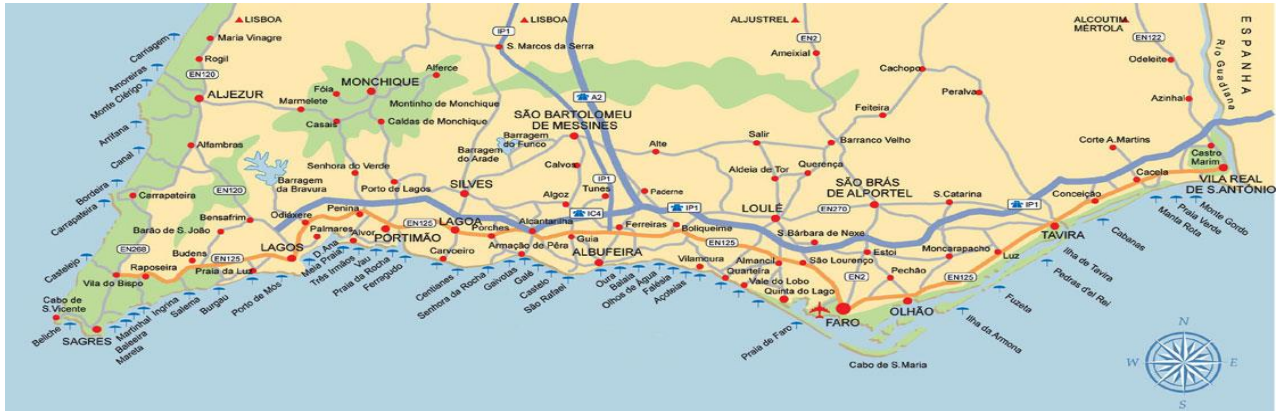
O Algarve fica na região sul de Portugal (figuras 01 e 02) e até 1889 foi considerada uma região isolada do restante de Portugal, quando então, além da comunicação via mar passou a ter o “caminho de ferro” ligando Faro a Loulé. Em função desta situação aliada a catástrofes naturais (terremotos, enchentes, secas), invasões, lutas liberais e pouca diversidade de matérias primas, a industrialização foi tardia, contudo, ao nível agrícola sempre teve potencial, embora esta fonte econômica não tenha sido suficiente para evitar a desertificação humana (Covas & Covas, 2013).

Figura 01: Portugal



Fonte: Google Imagens (2013)

Figura 02: O Algarve



Fonte: Google Imagens (2013)

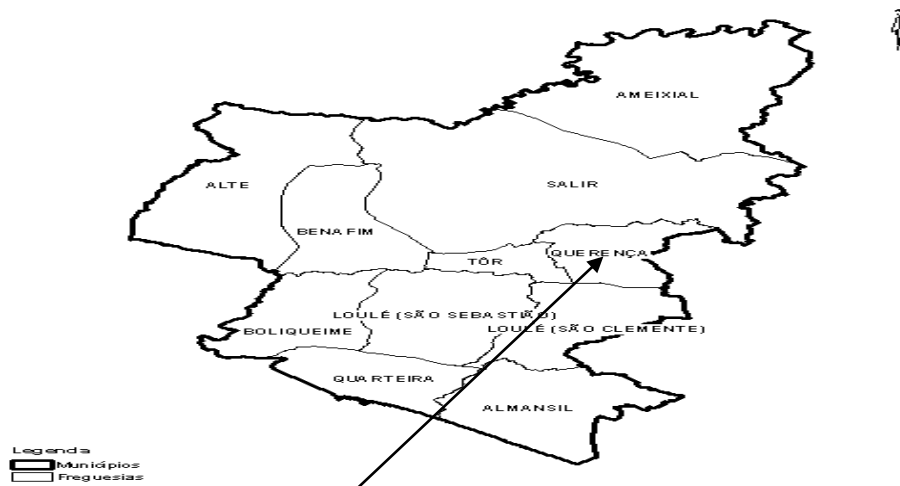
Loulé se enquadra no Algarve como o *'Concelho'* (seria para o Brasil o equivalente a município) mais próspero com sua economia concentrada até muito recentemente na agricultura, antes que o Algarve como um todo se tornasse uma referência de turismo de sol e mar, golfe e grandes empreendimentos hoteleiros, com **Loulé** a frente destes arranjos econômicos voltados para a atividade turística. A aldeia de Querença está situada no interior do *'concelho'* de Loulé (Figuras 03 e 04), abrange as zonas do Barrocal, Beira Serra e Serra. Dista cerca de 10 km da sede do *'concelho'* e 22 km do litoral (Fernandes, 2013:6).

Figura 03: *'Concelhos'* do Algarve



Fonte: Google Imagens (2013)

Figura 04: *'Concelho'* de Loulé e aldeia Querença



Fonte: efp.es-loule.edu.pt (2013)

A aldeia de **Querença** situa-se na zona do barrocal Algarvio. Na região central ocupada pela aldeia está o seu alvo casario típico Algarvio, no alto de um monte situa-se a Igreja Matriz do século XVI (Figura 05), com o portal manuelino do século XVI, de decoração modesta, localizada no largo da Igreja, frente ao Cruzeiro que está assentado numa rocha (Tomé, 2011: 34).

Figura 06: Localização do Centro da Aldeia: Igreja Matriz



Fonte: autores (2013)

As origens da aldeia remontam ao período Neolítico, porém sem muita documentação que ateste sua história. Seu nome no português arcaico significa 'lugar onde se criam falcões', autores mais recentes referem-se à Querença como o lugar que as pessoas têm um querer 'forte e caloroso'. Na década de 1940 possuía 3196 habitantes, entretanto quando em 1997 a aldeia de Tôr torna-se Freguesia perde 50% de sua população e de lá até os dias atuais o decréscimo vem se tornando acentuado pelo envelhecimento, falecimentos mensais e baixa taxa de natalidade

(Inácio, 2007). Em 2011 a população local não passava de cerca de 700 pessoas com 151 delas vivendo isolada. A população ativa trabalha em Loulé e as demais trabalham com artesanato e agricultura de subsistência. Os estrangeiros em sua maioria aposentados também plantam, mas, esta é uma renda complementar (Fernandes, 2013).

Um dos maiores bens patrimoniais de Querença é a fonte de Benémola, um local de grande beleza natural, símbolo da diversidade paisagística da região Algarvia e ponto de visita obrigatória de alguns turistas que chegam à aldeia em excursões organizadas através do Projeto Via Algarviana. Segundo o posto de turismo de Querença, a maior parte destes visitantes são ingleses, alemães e portugueses e seus interesses se voltam às visitas eco turísticas a pé ou de bicicleta desenvolvidas no caminho que leva a fonte.

B – ‘Projecto Querença’: uma proposta ação de desenvolvimento local

O “Projecto Querença” nasceu com o objetivo de fazer um resgate territorial orientado para as áreas rurais de baixa densidade da aldeia de Querença de acordo com uma análise de pertinência dos recursos existentes e potencialidades disponíveis. O projeto foi delineado em finais de 2010 com o objetivo de dinamizar o interior desta utilizando-se de uma abordagem de intervenção que incluía a busca de soluções sustentáveis com uso dos recursos locais (promoção do desenvolvimento local) e a criação de oportunidades de atuação prática para jovens licenciados da UALG. Em 2011 deu-se início à sua implementação, tendo como promotores parceiros a Fundação Viegas Guerreiro e a Universidade do Algarve (Covas & Covas, 2013).

A ancoragem do projeto foi à formação de redes que se interessavam pela requalificação dos ‘saberes’ e ‘fazer’ locais, contudo, com bases atualizadas, com um olhar no moderno, ainda que com base ‘ancestral’ (tradicional). Este tipo formação de redes é comum em atividades cuja base associa o conhecimento exógeno ao conhecimento endógeno e ou local (Tallman & Chacar, 2011).

As redes realizadas envolveram a formação de parcerias com a Câmara Municipal de Loulé, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, a Junta da Freguesia de Querença, a Caixa Geral de Depósitos, Portugal Telecom, Fundação Calouste Gulbenkian e Honda, importantes parceiros que tornaram possível o custeio financeiro dos licenciados, a compra de equipamentos e de outros materiais necessários aos planos de desenvolvimento em Querença. A equipe com nove jovens licenciados da Universidade do Algarve, foi constituída em Junho de 2011 e em Setembro já iniciavam a experiência, num total de nove meses em Querença, morando de forma mais permanente e depois com incursões semanais e quinzenais até a vinda de novos licenciados em novo edital aberto em 2013.

O primeiro desafio da equipe de licenciados do grupo de 2011 foi de conhecer os recursos locais (naturais, rurais, culturais, sociais) e a partir de estudos feitos com discussões coletivas com a comunidade elaborarem propostas que pudessem transformar-se em algo rentável.

Considerando o contexto local e as potencialidades e vocações, perceberam que a agricultura biológica, o ecoturismo, a jardinagem sustentável associada a novas tecnologias e criatividade, podiam ser fundamentais para a criação de arranjos produtivos adequados à região e ao capital social existente. Observando-se que este capital social tanto estava associado aos licenciados, quanto as pessoas da aldeia que com suas ideias e conhecimentos foram fundamentais para tornar possível e viável a proposta. Para Park et al (2012), estes elementos quando bem utilizados é que tornam possível a recuperação de opções para que os jovens nascidos na localidade permaneçam no lugar. Contudo, a continuidade e a formação de redes com parcerias permanentes é que podem realmente mudar o quadro existente no futuro, eis porque qualquer ação iniciada em situações como as da aldeia de Querença envolve riscos segundo Covas & Covas (2008).

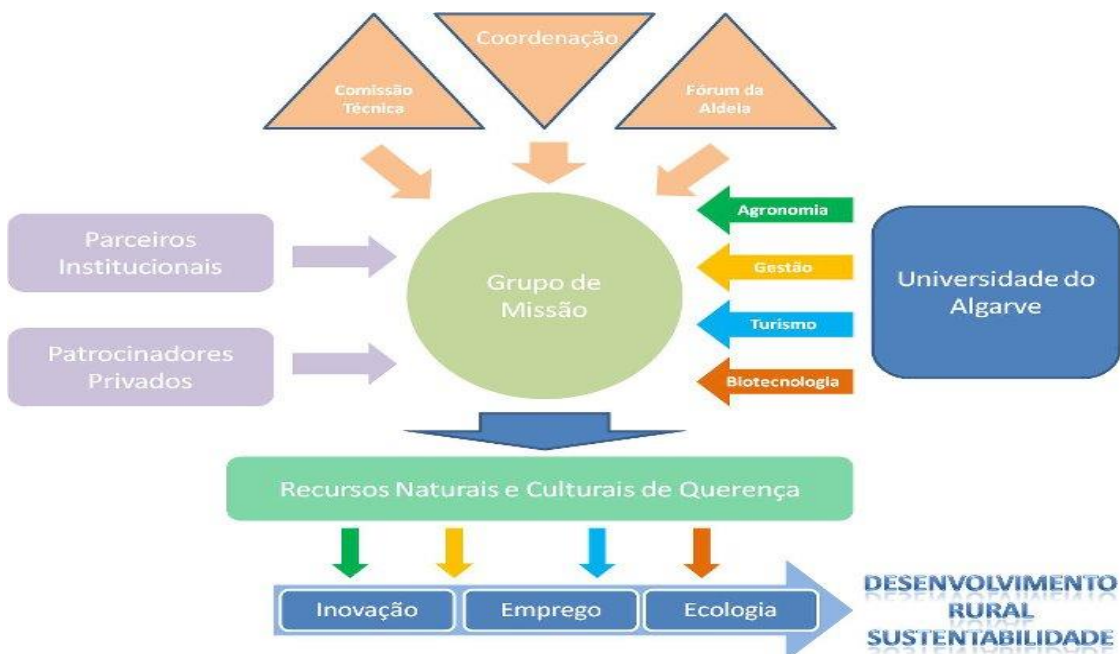
Nesse sentido, a coordenação de uma proposta como a apresentada deve ter um bom respaldo acadêmico e técnico. No caso do Projeto Querença, o coordenador científico foi o professor Antonio Covas, professor catedrático da Universidade do Algarve desde 2000. Em função da sua formação e experiência na agricultura foi assessor do ministério da agricultura (1995-1999), e autor de numerosas publicações sobre desenvolvimento rural em Portugal e na área dos estudos europeus é ainda membro de diversos órgãos institucionais de desenvolvimento rural, educação, entre outros. O coordenador técnico foi João Ministro, natural de Loulé e licenciado em Engenharia do Ambiente pela Universidade do Algarve, também com larga experiência prática sobre conservação da natureza e da biodiversidade tendo coordenado o projeto 'Natureza na Reserva Natural do Estuário do Sado' e área da 'Conservação de Aves Aquáticas e Recuperação de Salinas' por cinco anos. Colaborou também com a Associação Almargem e em vários projetos de conservação da natureza, prevenção de fogos florestais, educação ambiental e ecoturismo. Entre os mais conhecidos, destaque para a "Via Algarviana", "Birdwatching no Algarve", estratégia PROVERE "Algarve Sustentável", entre outros. É também sócio-gerente da empresa Proactivetur, especializada em ecoturismo e turismo de natureza (*Projecto Querença*, 2013).

A união dos conhecimentos destes dois coordenadores, ambos em suas áreas (Agronomia e Engenharia Ambiental) com atuações marcantes no turismo, terminaram por fomentar em todas as ações desenvolvidas pelos licenciados reflexos no turismo. No diagrama explicativo do Projeto Querença (figura 08, p. 12) mostrando a rede de parcerias que foi formada, as áreas predominantes de atuação e ação da proposta são: Agronomia, Gestão, Turismo e Biotecnologia. As primeiras redes e parcerias que se vincularam a proposta incentivaram ações criativas em particular na Agronomia e na Biotecnologia, entretanto, foi o turismo que mais ganhou de forma mais imediata, dividendo resultado das ações realizadas.

O 'Mercadinho de Querença' (figura 09) criado pelos licenciados de agronomia para atrair compradores da produção resultante do cultivo agroecológico nas terras abandonadas de Querença terminou por incentivar junto aos licenciados em turismo, marketing e design, ideias de

recuperação junto aos artesões da região de produtos utilitários e de decoração que se tornaram atração em exposições e vendas no ‘mercadinho’, bem como a realização de workshops sobre como fazer alguns produtos artesanais, direcionados a turistas. Da mesma forma, durante o ‘mercadinho’ se organizaram programações para conhecer as hortas e pomares, tratar da educação ambiental e proteção das águas, visitas aos patrimônios naturais e culturais representados pelos casarios, móveis, canções, poesias e alimentos tradicionais. Todas estas atrações mostraram ser possível ainda um desenvolvimento local na aldeia via turismo associando os segmentos: rural, ecológico e gastronômico.

Figura 08: ‘Projecto Querença’: diagrama explicativo



Fonte: Projecto Querença (2013)

Figura 09: Mercadinho de Querença: notícias sobre o projeto e o mercado



Fonte: autores (2013)

Figura 10: Mercadinho de Querença: venda de produtos agrícolas



Fonte: autores (2013)

Figura 11: 'Projecto Querença': hospedagem e alimentação



MDQ Mercado D Querença

//SIGA-NOS
f /projectoquerenca

//CONTACTOS
MORADA A/C PROJECTO QUERENÇA, POVO DE QUERENÇA, 8100-129 QUERENÇA, LOULÉ
TELEFONE 00351 289 422 337
EMAIL GERAL@PROJECTOQUERENCA.COM

//SUGESTÕES

PARA ALMOÇAR Restaurante "De Querença"
TELEFONE 913 544 417

PARA ALMOÇAR Snack Bar "Sol e Serra"
TELEFONE 289 422 344

PARA PETISCAR Café D. Rosa
TELEFONE 289 115 566

PARA PETISCAR Casa de Pasto Alcino
TELEFONE 289 411 838

LICORES TÍPICOS A Farrobinha
TELEFONE 289 416 687

PARA DORMIR Monte dos Avós
TELEMÓVEL 938 311 211

PARA DORMIR Quinta dos Valados
TELEMÓVEL 962 703 566

PARA ALMOÇAR Tasquinha do Lagar
TELEFONE 289 463 439 | 967 607 346

Fonte: autores (2013)

Figura 12: Final de Semana: turismo e degustação fina em Querença



27 E 28 DE ABRIL *Que Perdição de fim de semana!*

O Projecto Querença uniu-se ao restaurante Perdição para oferecer-lhe um fim de semana repleto de iguarias deliciosas, elaboradas com os produtos frescos e biológicos do Projecto Querença. Nos dias 27 e 28 de abril, convidamo-lo(a) a degustar os nossos produtos durante um relaxante almoço e/ou jantar no espaço Perdição, em Loulé. Aqui apresentamos algumas das razões pelas quais terá de visitar o espaço Perdição este fim de semana...

Vai encontrar no Menu...

Entradas

SOPA DE NABIÇA
SOPA DE FAVAS COM FIAMBRE
BISSARA (CREME DE FAVAS)

Pratos Principais

ENTRECOSTO COM FAVAS GUIADAS
CARIL DE FAVAS COM LEGUMES E SOJA

Sobremesas

DOCE DE MORANGOS COM IOGURTE
TARTE DE QUEIJO
MOLHO DE MORANGOS DE QUERENÇA
CHUPA-CHUPA DE MORANGOS

Bebidas

GRANIZADO DE MORANGOS
SUMO DE MORANGO E NABIÇA

RESERVE JÁ 91 966 99 53 | perdicao@sapo.pt

Rua Camilo Castelo Branco, 5a Loulé

Fonte: 'Projecto Querença' (2013)

Figura 13: Final de Semana: turismo e degustação rústica/colonial em Querença



Fonte: 'Projecto Querença' (2013)

Figura 14: Final de Semana: turismo de caminhada (rural/ecológico)



Esqueça o rebuliço da cidade e venha passar um fim-de-semana de caminhadas entre Querença e o Barranco do Velho. Sinta o aroma próprio dos densos sobreirais e ricos matagais mediterrânicos, onde abundam os medronhais, urzes e rosmaninhos. Dois dias em plena natureza e na serra.

TIPO DE ACTIVIDADE Caminhada / Hiking
DISTÂNCIA TOTAL 30 km DURAÇÃO MÉDIA DIÁRIA 5H GRAU DE DIFICULDADE médio/alto

INÍCIO Querença 14 Jan. FIM Querença 15 Jan.
PONTO DE ENCONTRO 14 de Janeiro às 9h:00 – Fundação Manuel Viegas Guerreiro
LIMITE DE PARTICIPANTES 25
ALOJAMENTO Pensão Tia Bia (Barranco do Velho)
CONSELHOS ÓTEIS levar água e merenda (almoço 1º dia), botas de caminhar, bastão (opcional), roupa desportiva e impermeável, máquina fotográfica (opcional)
DATA LIMITE DE INSCRIÇÕES 12 de Janeiro 2012
GUIA João Ministro

PREÇOS (INCLUI SEGURO E GUIA)
Actividade c/ alojamento em camarata (c/ peq. almoço) e jantar: 50,00 €
Actividade c/ alojamento em pensão (c/ peq. almoço) e jantar: 60,00 €
Actividade diária s/ alojamento e s/ jantar: 5,00 €

CONTACTOS
E ecoturismo@projectoquerenca.com T 289 422 607 966 132 552

powered by ProActiveTur, lda. (alvará nº 1602011)



Fonte: 'Projecto Querença' (2013)

Considerando que a meta final da proposta do 'Projecto Querença' é o desenvolvimento sustentável, faz-se necessário entender que este formato de 'desenvolvimento' remete-nos ao conceito de desenvolvimento local que é uma nova forma de investir e atuar localmente, pensando nesta perspectiva como um grande desafio uma vez que a ideia é se afastar de uma competitividade mais global e assumir que para o 'local' faz-se necessário capitalizar as capacidades e competências locais e regionais através de diferentes estratégias (Claeh, 2002: 7). Para Burbano (2011) este desenvolvimento quando valoriza as capacidades e competências de um território torna-se mais integral porque considera as dimensões: econômica, sociais, políticas, culturais e ecológicas. A cultura em um âmbito transversal abarca todos os aspectos inerentes e necessários a um desenvolvimento com crescimento econômico equilibrado e por isso cria possibilidades de que este desenvolvimento seja na escala humana (Max – Neef, 2006).

Segundo Farmer et al (2012) um trabalho comunitário sustentável somente consegue ter sucesso quando possui capital social, econômico e humano individuais e institucionais e será a união destes que trarão resultados a qualquer proposta que tenha por meta o empoderamento de um grupo. Estes capitais é que tornarão possível a formação de redes com suportes e laços capazes de trazer a médio e longo prazo resultados que levem a um desenvolvimento local e humano. O capital social, segundo Bourdieu (1986) centra-se nas relações, cria normas de modo que a relação criada transforme-se em suporte e amparo. O capital econômico busca os recursos necessários para viabilizar as ações, e finalmente o capital humano, conforme os conhecimentos que detêm tornam possível o planejamento, a organização e a orientação dos percursos a desenvolver. Este capital humano também pode ser um excelente mediador nos momentos de conflitos, de discussão e de busca de soluções (Fey et al, 2007).

No projeto em questão o capital humano e social uniu pessoas com várias competências, provenientes da universidade, das organizações locais e da própria comunidade, que juntas pensaram e colocaram em prática ideias que tornaram possível unir as tradições com adequações ao contexto do século XXI. Observando este contexto é possível afirmar que o papel das organizações envolvidas foi o de agregar valor, atualizar, resgatar e mostrar que velhos papéis e funções têm o seu lugar no século atual com as devidas adaptações. Os critérios de atuação estavam ligados às competências acadêmicas associadas às tradições locais.

Com relação ao processo de atuação, outra característica de propostas como a de Querença e o que diferencia projetos comunitários desta natureza de outros projetos realizados por instituições públicas é a participação de pessoas que não visam o lucro individual. Os lucros e/ou ganhos nascem de ideias arrojadas e requalificações de arranjos produtivos já existentes que são transformados e /ou adaptados às necessidades humanas, ambientais e sociais. O sentido econômico neste modelo de proposta não é o objetivo final ou o principal, embora seja importante a fim de garantir outros ganhos, tais como a empregabilidade de pessoas jovens, de

modo a se evitar as migrações e o processo de desertificação já citados. Os ganhos de natureza social e humano dizem respeito a estimular ações mais coletivas do que individuais, de modo que todos possam ter participação nos ganhos, que se estimule na região a organização de eventos, produtos e serviços que visem junto com o capital econômico à socialização, a solidariedade, a organização associativa para que se lute por políticas públicas direcionadas as necessidades da região (Guzzatti, Sampaio & Coriolano, 2013).

C - Contribuições do 'Projecto Querença'

As contribuições do Projeto Querença no momento são mais relacionadas à visibilidade social e cultural da aldeia, resgate das tradições agrícolas e artesanais e o início de uma comercialização de produtos a pessoas do 'Concelho' de Loulé e outras provenientes de outros lugares do Algarve. Também é visível o aumento de visitas para a realização de atividades turísticas que unem o segmento ecoturístico e/ou de natureza ao turismo rural com visitas e hospedagem em pousadas rurais e quartos nas residências de moradores da região para participação em provas gastronômicas e cursos de aprendizado das tradições locais. É possível que pelos próximos dois anos que os meios de hospedagem existentes, tornem-se insuficientes.

Também é importante mostrar que as visitas de pessoas a Querença criaram na comunidade local a esperança de que a aldeia não irá 'desaparecer' e, portanto, faz-se necessário que se invista em ações e infraestruturas que já não mais importavam em função da falta de pessoas para usufruir e consumir.

Resumidamente pode-se afirmar que de 2011 aos dias atuais, foram realizadas muitas ações em Querença, junto com o dia do 'Mercadinho de Querença' (último domingo de cada mês) e em outras datas se teve Workshops (12), Passeios de Interpretação (10), Cursos e Experiências Temáticas (12), Palestras (12), Lançamentos de Livros (02), Mercados (27), Atividades Gerais (12) (Projeto Querença, 2013).

Considerações Finais

Na prática, a ida a lugares como a aldeia Querença, torna perceptível que a cada dia acentuam-se as dificuldades nestas localidades. Se as pessoas não permanecem investindo suas competências, dinheiro e tempo em um lugar, à tendência é que se chegue à desertificação populacional pelo envelhecimento e mortes dos moradores e baixa natalidade. Também aos poucos vão se perdendo muitas das referências e identidades culturais relativas aos patrimônios locais, o que também significa que a história local desaparece ficando apenas dados remotos de quem viveu e trabalhou na região.

O que o 'Projecto Querença' traz para Querença é a possibilidade de que este processo possa ser revertido e que se possa ter novamente vida, produtos e serviços para moradores e visitantes. Embora ao longo dos últimos anos, Portugal, assim como o Brasil tenha aumentado a

frequência de pessoas do meio urbano para o rural para atividades de turismo e lazer, a falta às vezes de ações e dinâmicas que possam produzir atividades de interesse para os visitantes, por exemplo, de uma forma mais permanente termina por diminuir o interesse das pessoas pelas comunidades rurais tradicionais.

Nesse sentido, a proposta mostra às pessoas em Querença a possibilidade de recuperar e requalificar uma aldeia com a ida de jovens licenciados para produzir ideias e oferecer soluções aos problemas locais, fomentar parcerias através de redes que possam auxiliar no processo de abertura para um desenvolvimento local e humano. Também mostra o papel da Universidade do Algarve que através do Prof. Antônio Covas mentor da proposta, fez a ponte necessária entre a academia e a comunidade mostrando que a base da proposta foi acadêmico-comunitária unindo atores sociais externos e internos, movimentando as pessoas de forma coletiva e comunitária. O que foi garantido pelo coordenador técnico o Engenheiro Ambiental João Ministro, nascido em Loulé e a 'ponte' de interação entre a população do campo e a universidade.

No momento (ano de 2014) ainda não é possível demonstrar via indicadores de desenvolvimento e qualidade de vida se Querença vai continuar este processo num patamar que permita continuar apostando na aldeia enquanto espaço de moradia, permanência, aprendizado, lazer e tranquilidade para moradores e visitantes. Se o caminho for de continuar investindo e apostando no 'Projecto Querença' que fique claro, que qualquer transformação mais permanente na localidade, assim como nas regiões vizinhas, somente ocorrerá se vier acompanhada da participação dos moradores e dos parceiros que estiverem dispostos a investir em um desenvolvimento econômico sustentável acompanhado da racionalidade do uso dos recursos existentes.

Espera-se com a continuidade do estudo do 'Projecto Querença' até 2017, com a autora e alunos de doutorado em turismo do Brasil e de Portugal não apenas responder a questão do título deste artigo, como auxiliar na organização e no planejamento de um turismo na região, pensado no mesmo, enquanto arranjo produtivo ideal para promover e criar produtos e serviços relacionados à hospitalidade, a gastronomia, aos patrimônios culturais e naturais locais de aldeias de Portugal ou de pequenos municípios rurais do Brasil.

Referências

Alves, J. E. (2002) "Património rural e desenvolvimento: do discurso institucional às dinâmicas locais. O programa de revitalização de aldeias e vilas históricas da região do Alentejo". Dissertação. Mestrado em Cidade, Território e Requalificação, Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Arnhold Junior, M. (2006) "Turismo rural ético: o agroturismo em Santa Rosa de Lima-SC". Dissertação. Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.

- Bourdieu, P. (1986) The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.). "Handbook of theory and research for the sociology of education" Greenwood, New York.
- Burbano, A. C. (2011) "Desarrollo local: manual básico para agentes de desarrollo local y otros actores". Eumed – net, Málaga (Espanha).
- Claeh (Centro Latinoamericano de Economía Humana). (2002) "La construcción del desarrollo local en América Latina. Análisis de experiências." CLAEH-ALOP, Montevideo.
- Clark, W. A. V. (2008) "Geography, space, and science: perspectives from studies of migration and geographical sorting". *Geographical Analysis*, 40 (1): 258 - 275.
- Covas, A. M. A. & Covas, M. M. C. M. (2013) "Em busca de uma racionalidade territorial multiníveis nos processos de governança regional: o exemplo da região do Algarve". *Desenvolvimento Regional em Debate. Contestado*, 3(2): 66 – 85.
- Covas, A. & Covas, M. das M. (2008) "Retratos portugueses de agricultura multifuncional". *Anais. VI Congresso Português de Sociologia: mundos sociais, saberes e práticas. Universidade de Lisboa, Lisboa.*
- Espinoza, G. A. B. & Veja, L. F. (2011) "Discutir el campo del capital social desde un enfoque transdisciplinario". *Polis revue org. Ciudad de México (México)*, 29: 1 – 22.
- Farmer, J. et al. (2012) "A theory of how rural health services contribute to community sustainability". *Social Science & Medicine*, 75 (2012): 1903 – 1911.
- Fernandes, S. P. F. (2013) *Mercado de Querença: ao encontro do marketing de experiências*. 88 f. Dissertação – Faculdade de Economia / Mestrado em Marketing – Universidade do Algarve, Faro.
- Fey, S. et al. (2007) "The measurement of community capitals through research". Disponível em: <http://www.ojrrp.org/issues/2006/01/index.htm>>. Acesso, outubro de 2013.
- Flores, M., & Rello, F. (2003) Capital social: virtudes y limitaciones. In: Atria, R. et al (Orgs). "Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma". CEPAL-Universidad del Estado de Michigan, Santiago.
- Gallo Rivera, M. T. & Garrido Yserte, R. (2009) "El capital social. ¿Qué es y por qué importa?". IUAES-Universidad de Alcalá: Madrid.
- Geertz, C. (1989) "A interpretação das culturas". LTC, Rio de Janeiro.
- Google Imagens. (2013) "Fotos Projeto Querença". Disponível em: www.googleimagens.pt . Acesso em dezembro de 2013.

Graça, M. R. M. C. (2010) “Aldeias vinhateiras: aldeias com vida?” Dissertação. Mestrado em Antropologia. Universidade Trás dos Montes, Vila Real.

Guzzatti, T. C.; Sampaio, C. A. C. & Coriolano, L. N. M. T. (2013) “Turismo de base comunitária em territórios rurais: caso da associação de agroturismo acolhida na colônia (SC)”. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6 (1): 93-106.

Inácio, B. (2007) “Plano de promoção de Querença”. Monografia. Licenciatura em Ciências Sociais. INUAF, Faro.

Loulé. (2013) “Mapas do Concelho de Loulé”. Disponível em: <efp.es-loule.edu.pt>. Acesso em dezembro de 2013.

Max – Neef, M. S. (2006) “El poder en la globalización”. *Revista Futuros. Antioquia*, 14(4): 12 – 32. Disponível em:<<http://www.revistafuturos.info>>. Acesso em outubro de 2013.

Minayo, M. C. de S. (2007). “O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde”. Hucitec-Abrasco, São Paulo.

Park, D-B. et al. (2012) “ Factors influencing social capital in rural tourism communities in South Korea”. *Tourism Management, California*, 33: 1511 – 1520.

Peixoto, J. (2006) Migrações e mudança Social: demografia, mercado de trabalho e integração social em Portugal. In: Figueira, E. et al. “Questões sociais contemporâneas”. VIII Jornadas do Departamento de Sociologia. Anais, Évora.

Projecto Querença. (2013) “Projecto Querença”. Disponível em: www.projectoquerença.pt. Acesso em dezembro de 2013.

Putnam, R. (2000) “Bowling alone: The collapse and revival of America’s civic community”. Simon and Schuster, New York.

Putnam, R. (1995) “Tuning in, tuning out: the strange disappearance of social capital in America”. *Political Science & Politics*, 28: 664-683.

Tallman, S. & Chacar, A. S. (2011) “Communities, alliances, networks and knowledge in multinational firms: A micro-analytic framework”. *Journal of International Management*, 17: 201–210.

Tomé, S. (2011) “A água dá, a água tira”. Chiado Editora, Faro.